

Resenha da obra: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**¹

Book review: "Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom"

Mônica Ferreira Costa²

Resumo: bell hooks escreveu essa obra em 14 ensaios e, embora pareçam temas distantes entre si são, na verdade, um grande e orquestrado trabalho da autora que dialoga de maneira provocativa com seus leitores da Introdução até a última linha do livro. Assuntos como: feminismo, linguagem, racismo e erotismo em sala de aula são alinhados com delicadeza e propósito: ensinar a todos e todas que é possível ensinar a transgredir. *Ensinando a transgredir* é um emocionante convite à reflexão de que educação é compromisso e a práxis da liberdade é sempre emancipatória; portanto coletiva e comprometida com a mudança.

Palavras-chave: Educação; Colonialismo; Liberdade.

Book review: "**Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom**" ("**Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**")

Author: Bell Hooks. Translated by Marcelo Brandão Cipolla

Publishing house in Brazil: Martins Fontes. 2017. São Paulo. 283p.

Abstract: Bell Hooks wrote 14 essays in this book and, although their themes seem to be different from one another, they actually make up a large and well-orchestrated book by this author, who provokingly dialogues with her readers from the Introduction to the last line of the book. Subject matters such as feminism, language, racism, and eroticism in the classroom are aligned with delicacy and purpose: to teach everyone that teaching to transgress is possible. *Teaching to Transgress* is a moving invitation to the reflection that education is commitment and the practice of freedom is always emancipatory, therefore collective and committed to change.

Keywords: Education. Colonialism. Freedom.

¹ bell hooks. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p. Resenha elaborada em colaboração com estudantes da Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos na disciplina Pedagogia Emancipatória, ministrada pela Profa. Dra. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, no 1º. Semestre de 2021.

² Mestranda no Programa de Educação da Universidade Católica de Santos. Pedagoga graduada pelo Centro Universitário São Judas Tadeu, Campus UNIMONTE, Santos (2007), especialização em Alfabetização pelo Instituto Vera Cruz. Graduada em Psicologia pela Universidade Metodista (UMESP, 1985). Atualmente é Coordenadora Pedagógica do Movimento Popular da Educação (Rede EMANCIPA)

Quando iniciei a leitura deste livro já sabia que a autora era uma pensadora provocativa. bell hooks, como quer ser chamada¹, é uma mulher negra, professora estadunidense de grande experiência na docência, escritora reconhecida intelectualmente, mas acima de tudo é uma ativista. Não por acaso escolho essas palavras para apresentar a autora, pois cada uma delas dialoga diretamente com cada ensaio deste livro.

Conheço várias pessoas que, como eu, ao terminarem de ler a Introdução do livro, contaram-me terem chorado por grande emoção. Sim, bell hooks mexe com quem lê pois, ao escrever na primeira pessoa e contar fatos de sua infância na escola Booker T. Whashington, nos faz crer que *Ensinando a transgredir* é um diário de relatos íntimos, mas foi escrito para ser lido em voz alta no meio da praça.

Escreve: “ir à escola era pura alegria. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo” (p.11), conta que suas professoras eram mulheres negras que tinham o compromisso de estimular o intelecto das crianças e sabiam seus nomes e conheciam suas famílias. Afirma que essas educadoras “praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial” (p.10). Queriam aquelas mulheres que suas alunas se tornassem acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural negro. Depois relata como tudo mudou para as crianças negras com o advento da escola de integração racial.

Ingressar na escola de integração racial fez com que bell percebesse uma grande reviravolta, pois a menina passou a ter aulas com homens brancos e ela conta que perdeu a alegria de estudar, diz: “a sala de aula já não era um lugar de prazer ou de êxtase” (...) O tempo todo estávamos somente respondendo e reagindo aos brancos” (p.12). Essa mudança dolorosa irá impactar muito a menina que na infância queria escrever e não ser professora, mas é como docente que bell hooks iniciará sua vida profissional, numa Universidade nos EUA, onde também inicia uma jornada de resgate.

Ao ingressar na graduação e, depois, na pós-graduação na Universidade de Stanford, o sonho era ser uma negra intelectual insurgente, mas a moça encontrou um racismo declarado e muitas vezes também velado que a fez pensar estar numa prisão. Por isso, quando decide trabalhar como docente nesta mesma

Universidade define que sua missão seria resgatar naquele lugar o entusiasmo em sala de aula.

Conhece a obra freiriana e decide realizar uma prática pedagógica em sala de aula que nasce da “interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista” (20); desse modo busca garantir que seus alunos construam, com ela, uma práxis de entusiasmo e não de tédio, na qual o ato de ensinar e de aprender se concretizassem naquilo que a autora irá chamar de *comunidade pedagógica*.

A professora trabalhava para que suas aulas se transformassem em *comunidades pedagógicas*, isto é, acontecessem como espaço/tempo de mudança nos quais ela e seus alunos desenvolveriam práticas engajadas, compromissadas e articuladas. O entusiasmo necessário, que nos ensina a autora, é aquele que muda professores autoritários e alunos “resistentes”. A sala de aula transforma-se numa comunidade pedagógica com entusiasmo, pois tudo é gerado pelo esforço coletivo. É necessário que os envolvidos – professores e estudantes – reafirmem e pratiquem a mudança, para tanto precisam reconhecer o poder que têm em mãos e a luta que travarão contra as estruturas autoritárias e mantenedoras de uma educação que prevê hierarquia, obediência e distância entre discentes e docentes.

bell hooks diz que escreve o livro “para partilhar ideias, estratégias e reflexões críticas sobre a prática pedagógica” (p.20); leva isso tão a sério que um dos capítulos é dedicado a um diálogo lúdico entre Gloria Wathins e bell hooks. Uma conversa entre ela e sua voz de escritora. Faz esta escolha de escrita para falar sobre a obra e o que sente por Paulo Freire.

A frase de Freire: “não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde”, serviu para bell como um mantra (palavras dela), mais do que uma frase; a americana diz que a obra freiriana lhe deu uma linguagem. Neste trecho vale pousar nossos olhos e percebermos que a afinidade entre os dois se deu num patamar de grande intimidade e coerência. Ambos buscaram, através do processo transformador do pensamento comum para o pensamento crítico, a fonte primária do trabalho como educadores.

Freire sempre trabalhou com a linguagem do povoⁱⁱ, pois para ensinar os pobres e analfabetos a escreverem a língua portuguesa no papel utilizou, a princípio, o repertório simbólico da linguagem cultural. Os Círculos de Cultura eram essencialmente momentos de diálogo entre educadores e educandos na

busca das palavras geradoras que eram “ditas” ou “reveladas” durante este momento.

Neste ensaio, no qual estabelece um diálogo consigo mesma, bell hooks demonstra que, mais do que as palavras ou as propostas teóricas freirianas, ela vivenciou na prática uma experiência pedagógica de liberdade dialógica entre sujeitos - que teve qualidade de doçura que nasceu do momento histórico (p.82) em que teve seu primeiro encontro com o educador brasileiro, na Universidade de Santa Cruz, e pode confrontá-lo sobre questões sexistas de sua obra.

Freire foi à Universidade de Santa Cruz para uma palestra aberta e outros professores da instituição não queriam que a professora bell hooks participasse do evento porque sabiam que ela poderia “incomodar” o convidado, fazendo perguntas inconvenientes sobre o porquê de ele não tratar em sua obra sobre o feminismo e a condição das mulheres no mundo atual. Freire não apenas defendeu que a feminista intelectual negra falasse como também lhe respondeu que se esforçaria mais para falar e escrever publicamente sobre essas questões. Fato que ficou claro em sua obra posterior.

“Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo” (p.83). Você conhece alguém que se refira dessa maneira à necessidade de estudar para sarar da dor? bell hooks é a resposta. Com esta frase a escritora iniciou o ensaio que intitulou: *A teoria como prática libertadora*. Além de dizer que chegou à teoria porque sentia dor, ainda nos revela que, quando era criança, argumentava com os adultos utilizando seu precário conhecimento infantil e desafiava de alguma forma o *status quo* estabelecido na casa, como não questionar o que dizia seu pai, o “homem da casa”, e era castigada.

Penso que a escritora sabe bem que a teoria [...] “não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para este fim” (p.86), mas trata do tema utilizando vários exemplos de sua vida. Contextualiza situações da sua prática docente e do movimento feminista e teoriza sobre a importância de ambos como instrumentos de transformação e conscientização; assim crê que a prática feminista deva ser um catalisador social e não apenas um estilo de vida. Assim, termina esse ensaio com outra frase marcante: “não haverá brecha entre a teoria feminista e a prática feminista” (p. 104), tudo para reafirmar o quanto é essencial manter o elo entre teoria e prática, “onde uma capacita a outra”.

Há três ensaios no livro nos quais o tema principal é o feminismo: *De mãos dadas com minha irmã, Estudos feministas e Essencialismo e experiência*. Neles bell traz vários relatos de dor, de racismo e de dificuldades que enfrentou na vida pessoal e profissional na academia. Faz uma série de críticas às feministas brancas que, segundo a autora, não reconheceram, na ocasião do livro, as diferenças entre elas e as mulheres negras. Desconfia de autoras brancasⁱⁱⁱ e se debate entre questões de raça e gênero, quando relata sua experiência como docente de cursos dos programas de Estudos da Mulher, pois percebe que suas alunas tanto as brancas como as negras não estavam preparadas para lidarem que seu trabalho docente que dava enfoque na raça e no gênero ao mesmo tempo.

bell hooks trabalhava em sala de aula com as questões do feminismo e de raça na perspectiva da interseccionalidade^{iv}, isto é, reconhecia, assim como Creshaw (1989), que combater a opressão sobre as mulheres, decorrente do patriarcado, é também combater as questões do racismo que condenam as mulheres negras ao silêncio, ao apagamento e a dores incalculáveis.

Em função desta postura ideológica, a professora bell hooks apresentava, nas ementas de seus cursos na Universidade, uma abordagem diferente daquela que as mulheres da academia estavam acostumadas a discutir. bell relata, especialmente nestes capítulos, sua indignação com a estranheza que as mulheres brancas tratavam as alunas negras nas conversas sobre feminismo e das suas “irmãs” negras quando o assunto era racismo.

Diz ela: “a abolição da escravatura teve pouco impacto positivo sobre as relações entre mulheres brancas e negras” (p.132). Sua experiência de vida numa cidade sulista nos EUA, no final dos anos 1960, era de que não havia amizade entre negras e brancas. As relações eram baseadas em poder e o poder medido pela cor. O senso comum era – e em boa parte ainda é – que a mulher deveria cuidar da casa, sendo negra ou branca. As mulheres brancas viam as negras como concorrentes e as negras viam as brancas com ressentimento, principalmente, pela falta de compaixão daquelas quando sofriam estupros e tinham seus filhos separados delas, quando ainda eram mães escravas.

Passados mais de vinte anos da publicação deste livro, encontramos em outro livro de outra feminista negra um relato não muito diferente deste. Em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*^v, Grada Kilomba refere-se ao trabalho de bell hooks em várias passagens do seu texto.

[...] Mulheres negras, por não serem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal

de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma *Outridade* dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. [...] Como Lola Young escreve, uma mulher negra inevitavelmente “serve como a outra de “outras/os” sem status suficiente para ter um outro de si mesma”^{vi} (1996, p.100).

bell ainda irá afirmar neste momento do livro que o medo, o oportunismo e a competição acabaram por afastar a possibilidade de um encontro afetivo e libertador entre as mulheres. Sugere que, ao reconhecer as diferenças, não de cor da pele, mas de práticas racistas que denunciam estas diferenças através do tratamento social racista que, muitas vezes, mulheres brancas impõem às mulheres negras. Aqui também há outra grave denúncia em relação a quão complexas são as dificuldades a serem enfrentadas pelo movimento feminista para que se possa identificar avanços.

Nos últimos ensaios do livro, bell hooks nos provoca com questões que são mal discutidas ou que ninguém quer falar em sala de aula: as questões da língua, as de classe social e as do corpo. Materializa suas provocações, utilizando imagens fortes através de citações, como no verso do poema: *The Burning of Paper Instead of Children*^{vii}, de Adrienne Rick, que diz: “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”. hooks diz que estas palavras não saem de sua cabeça e discute, a partir delas, todo processo de dominação europeia e o apagamento das línguas dos povos africanos e indígenas na América.

Pondera sobre as dificuldades e dores que foi o processo de resgate do poder pessoal do povo negro no contexto de dominação, pois os escravizados tiveram que aprender o inglês para sobreviver na América. De posse de uma nova língua, os negros puderam voltar a conviver e criar a possibilidade de construir uma comunidade para construir a solidariedade política necessária para sobreviver. Neste processo, os negros reinventaram o inglês, com alterações de pronúncia e junções de palavras que obrigaram o colonizador a repensar o sentido de sua língua. Esse fenômeno pode ser identificado nas músicas cantadas pelos escravizados (e que até hoje são cantadas da mesma forma), nos *spiritual*^{viii}, cujo uso incorreto das palavras revela um espírito de rebelião. É a *contralíngua* um local de resistência.

Quando a discussão em sala de aula é sobre classe social, bell afirma que o trabalho acadêmico é essencialmente antagônico à classe trabalhadora. Como negar? Se a Universidade nasce para atender a elite, seja lá no país dela ou aqui, questões que tratam sobre a construção perversa das diferenças das classes sociais, estas são ignoradas ou amenizadas em sala de aula. Isso não quer dizer que não haja uma produção acadêmica fortíssima sobre o tema, sem dúvida que

há! Porém, as diferenças as quais bell trata aqui neste capítulo vai muito além das diferenças da materialidade.

As diferenças de classe são vivenciadas e mantidas nas salas de aula, pois se fazem presentes também nos valores, atitudes, relações sociais, modos de produção e difusão de conhecimento entre alunos e professores. Para serem aceitos, os alunos das classes menos favorecidas economicamente precisam se apropriar dos valores e modos de ser e pensar burgueses, o que acaba minando o intercâmbio democrático de ideias nas salas de aula e instituições e sobre isso poucos falam.

A educadora propõe estratégias de trabalho para romper com esta situação, pois acredita que as pessoas da classe trabalhadora precisam adquirir poder e isso acontece quando elas reconhecem que são agentes com capacidade de participar ativamente do processo pedagógico. Uma das estratégias foi a criação das comunidades de aprendizado, quando a voz de cada pessoa é ouvida, a presença de cada pessoa presente é reconhecida e valorizada.

A pedagogia crítica e a pedagogia feminista são paradigmas de base para o ensino alternativo; ambas dão ênfase ao tornar-se sujeito, ser mais, de cada um encontrar sua própria voz. Ouvir uns aos outros significa estabelecer diálogos de atenção e de escuta ativa na sala de aula. Significa criar um espaço necessário e poderoso para que todos os envolvidos possam iniciar um processo de rompimento do pressuposto que diz que somos todos iguais, somos todos da mesma origem de classe, recebemos as mesmas condições na vida para superar obstáculos e que devemos ter os mesmos pontos de vista. Hipocrisias construídas pelo capitalismo que impõe a fórmula da meritocracia como meta de ascensão social que desconsidera as diferenças impostas na origem e vende a ideia de que vencem aqueles que se esforçam mais.

O terceiro tema, o corpo, é trabalhado pela educadora na mesma perspectiva dos anteriores: os professores, raramente, falam sobre o lugar de Eros ou do erótico em sala de aula. A escola e a universidade têm apagado os corpos, eles passam despercebidos, isso porque a paixão não tem lugar na sala de aula.

Quem entra para ensinar carrega uma história de formação que construiu uma cisão entre corpo e mente. Os professores creem que ensinar é coisa séria e apenas as mentes devem estar presentes no ato de aprender e ensinar. Chamar atenção sobre o corpo é traír a concepção de repressão e negação sobre os corpos

seus e de seus alunos que os professores brancos – e também na universidade com predominância de negros – insistiram em desconsiderar.

bell hooks defende que Eros, a força “que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização” deve ser considerada para que estejamos inteiros nesta relação de professores e seus alunos. Usar essa energia na sala de aula significa revigorar as discussões e excitar imaginação crítica. Entende que a decisão de demonstrar amor por seus alunos, é possível e necessária, pois faz parte do processo de conhecer o outro, estar com outro.

O capítulo termina com a autora desafiando seus alunos - e a nós leitores - a pensarmos sobre nossos condicionamentos que nos foram impostos pelo sistema capitalista que valoriza competição, consumo e isolamento em detrimento ao amor e ao carinho entre os seres. É uma decisão política dos educadores que trabalham na perspectiva da pedagogia emancipatória construir relações entre eles e seus educandos do querer-se bem; cuidarmos uns dos outros e declararmos nosso amor. Aceitar Eros dentro de nós, e juntos, permitirmos a reintegração de nossas mentes e corpos, aceitarmos o desejo e trabalharmos pela comunidade em sala de aula.

Assim, bell hooks reafirma seu compromisso como educadora preocupada em estar com seus estudantes e estabelecer com eles um diálogo crítico, que segundo ela é o elemento primordial que permite a possibilidade de mudança. Conclui que nossa sociedade tão anti-intelectual desencoraja o pensar e agir crítico e a opção é “nadar contra a corrente” desafiar o status quo, mesmo diante de consequências negativas.

Encerra o livro da mesma forma que o iniciou: faz uma chamada aos colegas professores camaradas: abram suas mentes e corações e encarem a realidade, mas coletivamente sonhem, imaginem esquemas para cruzar as fronteiras, para transgredir, enfim trabalhem a educação como prática de liberdade.

Referência

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

Notas:

ⁱ Seu nome é Gloria Jean Watkins. bell hooks é o pseudônimo que escolheu inspirada em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A escritora solicita que se escreva o pseudônimo com letras minúsculas para que seja dado enfoque sobre o conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

ⁱⁱ No livro *Por uma pedagogia da pergunta*, (1985), Paulo Freire e Antonio Faundez fazem um diálogo crítico sobre a questão da linguagem, tendo a experiência de Freire em Guiné-Bissau como pano de fundo.

ⁱⁱⁱ Como por exemplo, a obra *Essentially Speaking Feminism, Nature and Diference* de Diana Fuss que discute questões sobre o Essencialismo.

^{iv} Em 1989, o termo interseccionalidade foi sistematizado por Kimberlé Crenshaw, teórica feminista e professora estadunidense especializada em questões de raça e gênero.

^v Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Foi traduzido em português, pela Editora Cobogó, em 2019. O livro é resultado do Doutorado em Filosofia, que a bolsista Grada Kilomba escreveu na Universidade de Berlim, em 2009. Com este trabalho a portuguesa Grada recebeu a maior distinção acadêmica, a *summa cum laude*. Neste livro ela nos conta que por pouco não abandonou o projeto de pesquisa diante da grande solidão e diversos episódios de racismo que sofreu dentro da Universidade. Grada é uma intelectual mundialmente conhecida e se autodefine como: uma artista interdisciplinar.

^v Young, Lola. "Mission Persons: Fantasising Black Women in Black Skin, White Moks", in Alan Read (ed.) *The Facto f Blackness Frantz Fanon Visual Representation*. London: Bay Press, 1996, pp. 86 -101

^{vi} Young, Lola. "Mission Persons: Fantasising Black Women in Black Skin, White Moks", in Alan Read (ed.) *The Facto f Blackness Frantz Fanon Visual Representation*. London: Bay Press, 1996, pp. 86 -101.

^{vii} Rich, Adrienne (1984) "The Burning of Paper Instead of Children", (Queimar papel em vez de crianças), *The fact of a Doorframe - Poems Selected and New 1950-1984*, Norton.

^{viii} Há neste capítulo uma **nota do tradutor** que vale reproduzir aqui porque ela explica a força dessa resistência. (N.do T.) "A frase de um spiritual muito conhecido, significa "ninguém conhece as tribulações que vi". Tanto *nobody* quanto *no one* significam "ninguém", mas a autora ressalta a preferência pela primeira palavra, que, entendida literalmente, resultaria na tradução "nenhum corpo conhece as atribulações que vi".

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em setembro de 2021